



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág.82-116.

SENTIDOS DA FESTA: REFLEXÕES E SABERES

Wilson Nogueira
Carlos Maciel de Oliveira Filho
Adan Renê Pereira da Silva

Resumo: Este momento do dossiê contempla múltiplos fazeres e saberes daqueles e daquelas que atuam em muitos lugares e de diversas formas nas festas amazônicas. Itens, criadores, torcedores, presidentes, compositores apresentam-se por diversas perspectivas para falar, em uma metodologia autoetnográfica, de seus pontos de vista acerca das vistas dos pontos em que se situam. Objetivando dar visibilidade ao povo que faz e vive a festa, as comunicações aqui apresentadas mostram as festas em potência e ato, com sujeitos em movimento nas grandes teias da alegria.

Palavras-chave: Festas; Arte; Cultura Popular.

PARTY MEANINGS: REFLECTIONS AND KNOWLEDGE

Abstract: This moment in the dossier contemplates multiple actions and knowledge of those and those who work in many places and in different ways at Amazonian festivals. Items, creators, fans, presidents, composers present themselves from different perspectives to speak, in an autoethnographic methodology, of their points of view about the views of the points where they are located. Aiming to give visibility to the people who make and live the party, the communications presented here show the parties in full force and action, with subjects moving in the great webs of joy.

Keywords: Parties; Art; Popular culture.

Introdução

O artigo elaborada na perspectiva metodológica autoetnográfica, onde o trabalho é atravessado colaborativamente pelo sujeito “que faz” a festa com o pesquisador, entendendo-se como parte do estudo.



No caso deste texto, trabalha-se com a autoetnografia formadora, ou seja, “[...] uma investigação muito mais em formato de memória crítica, visto que nesse momento as informações não são submetidas a análises, interpretações e tampouco se articulam a conhecimentos de outras fontes [...]” (SANTOS; BIANCALANA, 2017, p. 86). São vivências particulares que dão conta da vida, nas palavras de Blanco et al (2021).

Na sequência, os textos de nossos actantes convidados.

O FAZER ARTÍSTICO NOS BUMBÁS DE PARINTINS

Wilson Nogueira

Este estudo refere-se ao que observei, anotei e compreendi sobre o *fazer artístico* nos bois-bumbás de Parintins (AM) durante os vários momentos que pude compartilhar da companhia dos membros do Conselho de Arte do Caprichoso e da Comissão de Artes do Garantido, dentro e fora do ambiente de trabalho. Não fiz um acompanhamento sistemático de atividades, por considerá-lo desnecessário aos objetivos e meta da pesquisa que realizei para a minha tese sobre *A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins*, com a qual conquistei o título de Doutor em Processos Socioculturais na Amazônia, pelo PPGSCA/Ufam, no decorrer de 2010/2011/2012, 2013.

Esforcei-me para estar presente nos momentos decisivos da concepção do *boi de arena* nos dois bumbás, mas não obtive autorização da direção do Caprichoso para acompanhar as reuniões do Conselho de Arte. Essa decisão era esperada, porque nasci em Parintins, na Baixa da Xanda, lugar do terreiro de fundação do boi Garantido.

As informações referentes ao Caprichoso foram obtidas por meio de pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa abertamente ou com pedido o para não ter seus nomes revelados.

Por isso, em razão dessa questão sobressaem-se as minhas observações e inferências sobre as atividades da Comissão de Artes, da qual obtive *carta branca* para estar junto das suas atividades. Em 2019, 2020 e 2021, colaborei na formulação conceitual do *boi de arena do Garantido*. O termo *boi de arena* sintetiza o conceito, a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

fundamentação, a elaboração e a realização do espetáculo dos dois bumbás na arena do bumbódromo.

Os membros desses colegiados são os responsáveis pela arquitetura intelectual e material dos espetáculos que se realizam nas três noites do festival de bumbás. Embora se definam como núcleos de artes, eles são multidisciplinares e acolhem profissionais de outras áreas, como historiadores, administradores, e pesquisadores de várias áreas. As mudanças dos membros e seus perfis são decididos pelas diretorias, que são eleitas com votos da maioria dos associados.

Em 2010/2011, a Comissão de Artes do Garantido era formada pelos seguintes artistas: Fred Góes, músico, compositor e produtor musical; Junior de Souza, projetista e construtor de alegorias; Chico Cardoso, publicitário, produtor e diretor teatral; Roberto Reis, artista plástico e figurinista; e Telo Pinto, contabilista e presidente do bumbá. Esses profissionais agem num tempo diferente do estabelecido pelo calendário oficial: *o ano bovino* sempre está um ano na frente da contagem convencional do tempo. O encerramento de cada festival é simbolizado pela proclamação do campeão, que faz passeata em Parintins e festa em Manaus para celebrar a conquista.

Membros do Conselho de Arte em 2011 eram: Aldaci Castro (Professora de História), Augusto SAVEDRA (Professor de Literatura Língua Portuguesa), Camilo Ramos (Doutor em Geografia Humana), Edwan Oliveira (Acadêmico Artes Visuais), Edwander Batista (Bacharel em Direito e Sociólogo), Emerson Brasil (Artista Plástico), Erik Nakanome (Professor de Artes), Erinaldo Batalha (Acadêmico de Artes Visuais), Gil Gonçalves (Jornalista), Jair Almeida (Coreógrafo), Larice Butel (Historiadora), Makoy Cardoso (Adrecista), Peta Cid (Jornalista), Waldir Santana (Adrecista e Pajé), Wando Cruz (Artista Plástico) e Zandonaide Bastos (Administrador de

Os bois-bumbás de Parintins – Garantido e Caprichoso – se apresentam no bumbódromo por intermédio de espetáculos produzidos intelectual e tecnicamente para conquistar a preferência dos jurados. Esse procedimento se realiza desde 1965, no final do mês de junho, exceto neste ano, em razão da pandemia do novo coronavírus.

Desde 2008, esse espetáculo popular amazônico é apresentado no bumbódromo, uma arena no formato de cabeça de boi, para abrigar trinta e cinco mil pessoas nas arquibancadas e camarotes, e com as suas laterais transformadas em



espaços culturais de uso contínuo. As arquibancadas e os camarotes são divididos ao meio com as cores dos torcedores dos dois bumbás. Lado leste para o Caprichoso (azul e branco), lado oeste para o Garantido (vermelho e branco).

Toda a força organizativa, emocional e criativa dos bumbás se volta para esse momento crucial, que é o da disputa pela conquista do título de campeão do ano.

Cada brincante ou torcedor assume-se, nesse processo, como potencial competidor de um jogo que se arrasta num tempo fora do chamado tempo comum ou normal, para se encerrar com proclamação do campeão. As discussões sobre a elaboração do próximo espetáculo começam logo após a declaração do campeão do ano, com as discussões dos novos temas a serem defendidos no bumbódromo. Os bois-bumbás, portanto, se orientam por um calendário que se inicia em agosto ou, no máximo, em setembro do ano anterior e se fecha em junho do ano posterior. Pode-se dizer que a preparação para esse jogo tem um pequeno intervalo, embora as atividades informais sejam permanentes.

Quem trata do espetáculo, na estrutura organizacional dos bumbás, são os núcleos de artes dos dois bois-bumbás. Eles se instituíram no momento que os bumbás aperfeiçoaram-se como agremiações voltadas ao *showbusiness*, um dos segmentos de negócios do lazer e entretenimento.

O Garantido formalizou a sua primeira Comissão de Artes em 1999, na gestão do presidente Raul Góes (1940-2014). O Conselho de Artes do Caprichoso existe desde 1995. Antes de ambos, havia grupos que “pensavam o boi”, mas não gozavam da autoridade do Conselho ou da Comissão instituídas para preparar as apresentações no bumbódromo com “toda liberdade”, como me disseram informantes de ambos os núcleos.

Com os núcleos de artes, os bumbás passaram a criar, paulatinamente, todas as etapas dos espetáculos para as três noites do festival – desde a escolha do tema e sua transformação em toadas, alegorias e coreografias, até o controle e cronometragem das apresentações na arena. Disse-me um dos meus informantes: “Antes, havia muita bagunça, muito tumulto, porque era tudo desorganizado. Ocorria muita *briga* entre os artistas e os diretores”.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Uma das primeiras providências da Comissão de Artes, lembra o presidente do Garantido, Telo Pinto (2011), foi organizar as atividades dos artistas, com a distribuição de tarefas, estabelecimento de metas e prazos, e a criação de condições de trabalho necessárias ao bom desempenho de cada um. Telo Pinto integrou a primeira Comissão, foi diretor de arena e presidente do boi de 2010 a 2014.

A Comissão e Conselho, desde que foram criados, são formados por artistas e dirigentes das agremiações. Como o espetáculo é a finalidade principal da existência dos bumbás, ambos se transformaram nos setores mais importante da estrutura organizacional das agremiações. Seus membros tanto opinam, com peso de decisão, sobre compras milionárias de materiais, quanto elaboraram as estratégias do *boi de arena*, o jogo de surpresas preparado para convencer os jurados, emocionar brincantes e torcedores, e *esmorecer o contrário*. Quem participa desses grupos distingue-se como pessoa importante na *sociedade local*, nos lugares onde o boi se apresenta e possui visibilidade midiática e social.

No caso dos artistas, esses são profissionais experimentados na arte de *colocar o boi na arena* – o mesmo que fazê-lo do começo ao fim. “Esse é um trabalho que exige experiência no ramo e habilidade para superar as dificuldades técnicas e financeiras de cada boi de arena”, explicou-me Júnior de Souza, *artista de ponta* do Garantido há mais de trinta anos. Júnior já esteve, depois dessa pesquisa, também no Caprichoso.

O espetáculo do bumbá Garantido de 2011 *começou* no final junho. “A poeira mal desceu e já estamos em atividade. Primeiro, fazemos avaliações informais, para ver onde acertamos e onde erramos. Depois, partimos para a formalidade”, explicou-me Fred Góes.

Na primeira reunião formal do segundo semestre do ano bovino de 2010, membros da Comissão de Artes assistiram aos DVDs, sem cortes, das três noites do festival. “É possível, pela comparação, verificar o nível da competição. Estabelecemos os nossos pontos fortes e nossos pontos fracos, para então traçarmos os próximos movimentos do bumbá”, avalia Fred Góes.

O resultado dos estudos comparativos dos espetáculos definiu as mudanças apresentadas pelo Garantido em 2011. Eu assumi o compromisso de não revelar as



novidades previstas antes que elas ocorressem na arena, afinal eu estava ali como pesquisador e não como jornalista.

Há, no processo de amadurecimento do projeto do espetáculo, certo diálogo entre os colegiados artísticos e outros setores da estrutura da agremiação, como compositores, galeras, artistas de ponta, batucada e diretoria. Nada que possa comprometer os segredos do espetáculo, trata-se apenas do necessário para que todos se mantenham informados a respeito do andamento do projeto do *boi de arena*.

O tema do *boi*, por exemplo, não pode ser divulgado *fora de tempo*, porque ele resume o conceito geral do espetáculo. A divulgação oficial do tema é mais um dos inúmeros eventos do calendário bovino parintinense, cuja função principal é despertar o ânimo e aguçar a imaginação dos brincantes e galeras.

Em 2010/2011, o Garantido se inspirou no fenômeno étnico-cultural da *Miscigenação*, e o Caprichoso fez um mergulho no imaginário da Ilha Tupinambarana, com *A Magia que encanta*.

O tema é a missa, não é o santo. Ele sintetiza conjuntos de ideias, sem fornecer pistas seguras de como se desenvolverá cada peça do espetáculo. Sobre ele especula-se na Internet, nas esquinas, nos currais e nos bares frequentados por dirigentes e artistas dos bumbás. Nesses lugares, em 2010/2011, era dado como certo que o Garantido desenvolveria do *slogan Tambores da vida*, para homenagear os batuqueiros da Baixa de São José, berço da tradição do bumbá.

Na versão de Fred Góes, os falsos temas circulam como *vírus*, provavelmente para influenciar ou desestabilizar quem trabalha na preparação dos bumbás. “Nós, membros da Comissão de Artes, somos vacinados contra vírus”, brinca. *Miscigenação*, segundo ele, só foi para a rua como tema no momento certo. “Isso prova que nossa Comissão também é a prova de vazamento de informação”, enfatizou.

A esse respeito pude observar que esses *vírus* são espalhados, em sua maioria, pelos compositores ou seus aliados. É deles o interesse de que suas toadas sejam selecionadas para os CDs oficiais dos bumbás. Relacioná-las ao provável tema seria meio caminho percorrido até chegar aos ouvidos dos avaliadores.

As toadas do CD do Garantido são escolhidas em audições com a participação dos membros da Comissão de Artes, da diretoria do bumbá e de convidados. Os bares



da Praça dos Bois, em frente ao bumbódromo, são tidos como os melhores ambientes de propagação de *vírus* bovino ou *boataria bovina*.

É nesses ambientes de diversão e entretenimento que são *lançadas*, em primeira mão, as toadas que concorrem à seleção dos CDs oficiais. *Miscigenação*, por sinal, é título da toada vencedora do Festival de Toadas de 2010, evento realizado pela Prefeitura do município, para incentivar os compositores dos bumbás.

A composição, embora houvesse um acordo para que a canção vencedora do festival fosse incluída no CD do bumbá ao qual ela se referia, *Miscigenação* passou pelo crivo de audição.

O presidente Telo Pinto não escondia o entusiasmo com a toada, e passou a rodá-la antes, com o objetivo de torná-la um *hit* do festival. Ao menos nesse ano, a escolha do tema do boi foi provocada *de fora para dentro da comissão*, com apoio explícito do principal dirigente do bumbá.

No Caprichoso, a escolha das toadas se define por meio de dois processos: por edital e por encomenda dos conselheiros e da diretoria da associação. O edital é publicado, geralmente, em setembro, com o encerramento das inscrições em outubro ou novembro. A seleção das toadas é feita em audição dos conselheiros e convidados antes do final de cada ano, para que o CD seja gravado em estúdio e impresso em janeiro ou fevereiro. Há temas mais complexos, segundo o membro do Conselho de Arte Zandonai Teixeira Bastos, que requerem uma conversa entre os conselheiros e os compositores mais ligados aos bois bumbás. “E [nessa conversa] colocamos que o Conselho precisa do contexto de uma região ou daquele povo, para que a apresentação se complete” (Bastos, entrevista 2010). As toadas encomendadas se referem ao tema geral do espetáculo, às mitologias indígenas e as figuras típicas regionais, teoricamente sujeitas a uma avaliação mais especializada (NOGUEIRA, 2014).

O tema é a alma do espetáculo. É a partir dele que se elabora a fundamentação teórica e que se imaginam as alegorias, os figurinos de destaque (itens e batucada), as coreografias (da arena e da galera) e a realização dos espetáculos das três noites. É intrigante assinalar que os compositores, como coletivo, não participam desse processo criativo.

Com o tema na mente e no coração, os membros dos núcleos de artes elaboraram um cronograma de atividades e prazos para as suas tarefas. Antes de existirem, o planejamento da apresentação dos bumbás, no bumbódromo, era precário, e os espetáculos eram mais sujeitos aos improvisos e imperfeições, conforme o sentimento de *exs* e atuais dirigentes.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Inicialmente, esses núcleos estabelecem uma rotina de trabalho para montar os espetáculos de cada noite, e têm como base os 21 itens do regulamento do festival. Então se iniciam as buscas pela fundamentação teórica para os espetáculos em si e para cada um dos itens que os compõem.

Vasculham-se teses acadêmicas, livros, revistas e o repertório do imaginário dos povos amazônicos. Os porquês de cada tema precisam ser explicados. *Miscigenação*, por exemplo, se apoia nas teorias nos estudos do sociólogo amazonense Samuel Benchimol (1923-2002) e do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) a respeito da formação sociocultural dos povos da Amazônia. No Garantido, a pesquisa de 2010/2011 foi liderada por Fred Góes, também autor do texto de fundamentação.

O fechamento desse texto é precedido de discussão com os membros da comissão e da diretoria. Textualizado, o *fundamento* é um discurso enxuto e objetivo para convencer os jurados de que o que eles assistem embasa-se em registros históricos e no imaginário dos povos da Amazônia. O fundamento chega aos jurados por meio do roteiro do espetáculo, editado em formato de revista, em cores e em papel de alta qualidade. Toda *performance* do espetáculo é explicada em detalhes.

Estabelecido o tema e seu fundamento, os artistas passam a se preocupar com as etapas de construção dos espetáculos. Entram em cena os desenhistas e projetistas. Esses profissionais se dividem em dois grupos: um que capta as ideias e as representam em imagens rascunhadas e o outro, que as transformam em desenhos finalizados, sempre em cores.

Os projetos são elaborados em escala compatível com o espaço real do bumbódromo, que é medido e estudado quantas vezes forem necessárias, para comportar os movimentos das alegorias, dos brincantes e das galeras. As alegorias possuem, além dos desenhos, plantas baixas, para facilitar o trabalho dos profissionais que constroem as estruturas metálicas.

No Garantido, das pranchetas, os desenhos são transportados para os computadores, por meio dos quais ganham movimentos tridimensionais. Os membros da Comissão de Arte e alguns poucos privilegiados assistem aos momentos apoteóticos dos bumbás em realidade virtual meses antes de ocorrerem no bumbódromo. “Esse é o espetáculo perfeito. É nele que nos orientamos para realizar o espetáculo real, quem



nem sempre ocorre perfeitamente”, explicou-se Júnior de Souza, veterano na concepção e construção de alegorias e, também, na produção de espetáculos.

Pude constatar que Júnior de Souza age para fazer funcionar grandes estruturas alegóricas, assim como o artista plástico Roberto Reis e desenhista Alexandre Haidos, o *Grego*, conseguem, em segundos, transformar a imaginação em desenhos. Reis é o responsável pela criação das roupas dos destaques individuais – sinhazinha da fazenda, porta-estandarte, rainha do folclore, cunhã-poranga e amo do boi, da batucada e das tribos. Chico Cardoso define os cenários, as cenas e a coreografia do espetáculo. A convergência dessas habilidades para o espetáculo é articulada por Fred Góes, um dos fundadores da Comissão de Artes e produtor musical de larga experiência.

Dos desenhos e das imagens computadorizadas em três dimensões, os projetos das alegorias e figurinos passam para os barracões e ateliês. Os realizadores dessa fase são os *artistas de ponta*, especialistas na arte de transformar aquilo que foi imaginado na Comissão de Artes em peças e objetos espetaculares.

Nos dois bumbás o início das atividades dos artistas e demais trabalhadores nos galpões é tão importante que é precedido de uma missa campal no currais, ocasião em que os torcedores–devotos rogam a proteção de Deus, para que os artistas realizem suas obras sem atropelos e conquistem a vitória. O rito religioso, na tradição do Garantido, é um pedido de licença às forças sobrenaturais para que os artistas ocupem galpões e ateliês em estado de inspiração.

“Tudo isso [o padre aponta para as alegorias espalhadas no curral [do Garantido] é um dom que vem de Deus. Só precisamos acreditar que Ele pode nos dar muito mais do que aquilo que já nos deu”. Na sala da presidência, logo após a missa, os artistas recebem seus projetos, assinam contratos de trabalho e se informam das regras que nortearão suas atividades.

Dalí em diante, os *artistas de ponta e as* suas equipes trabalharão nos galpões, em espaços delimitados de acordo com tamanho previstos para as alegorias, com a ordem do traslado desse material para o bumbódromo e áreas de fuga. O galpão principal do Garantido está sempre apinhado de restos de alegorias dos anos anteriores. Antes de os artistas entrarem em atividade, eles passam por limpeza geral, checagem das instalações elétricas e hidráulicas, arrumação e reciclagem das estruturas metálicas.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Em 2010/2011, a direção do Garantido determinou que fosse reaproveitado todo o material que não comprometesse o acabamento do espetáculo nem a segurança dos brincantes. “Precisamos economizar para pagarmos as dívidas acumuladas do boi. Se não fizermos isso corremos o risco de inviabilizarmos nossa brincadeira”, justificava-se Telo Pinto nas reuniões com artistas e diretores.

Em novembro de 2010, um grupo de figurinistas e artesãos entrou no galpão de tribos do Garantido para selecionar material. Milhares de penas sintéticas com pontas quebradas, que em época de abundância seriam jogadas no lixo, foram aparadas com tesouras e reaproveitadas. “Dá trabalho, mas é gratificante constatar que é possível colaborar com a natureza”, afiançava-me Fernando Sérgio, o Gudu, um dos responsáveis pela confecção dos cocares e adereços dos tuxauas luxo e das tribos indígenas.

Trabalho idêntico foi realizado nos galpões de alegorias sob o comando dos *artistas de ponta*. “Dá para reaproveitar quase cem por cento das estruturas de ferro e aço das bases das alegorias”, garante Júnior de Souza. Pelo que pude observar, Júnior era a última palavra da agremiação na construção de grandes alegorias.

A reciclagem se realiza por meio de uma varredura nas alegorias que se encontram dentro e fora dos galpões. A visão que se tem desses espaços é a de uma floresta cheia de bichos feitos de metais retorcidos e cobertos com tecidos, papéis e outros materiais maleáveis. A profusão de cores enche os olhos. A Comissão de Artes leva, há alguns anos, em consideração o aproveitamento desse material. Há casos em que podem ser reaproveitadas alegorias por inteiro.

Em 2010, o Garantido levou para o bumbódromo a alegoria de uma cobra grande que, em razão de problemas na montagem dos módulos, ficou fora da plena visibilidade dos jurados e do público. “É no mínimo prudente que essa cobra seja reaproveitada, com algumas modificações, em outra alegoria, em outro contexto e outro cenário”, argumentou Fred Góes, numas das reuniões da Comissão de Artes.

Após instalar os artistas nos galpões e nos ateliês, é chegada a hora de a Comissão de Artes fiscalizar a execução dos projetos para que nenhum deles escape ao que foi planejado. Uma pequena mudança no projeto original pode comprometer a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

apresentação do bumbá. É oportuno relembrar que as alegorias, as cenas e os cenários foram desenhados conforme a planta do bumbódromo.

Os módulos de cada cenário devem ser montados em questão de segundos. Os encaixes precisam ser perfeitos. “Uma peça fora do lugar pode comprometer todo o espetáculo”, explica-me Junior de Souza. E não são raras as situações em que alegorias engataram na boca da arena. Eu mesmo presenciei, no festival de 1999, a redução de uma cobra grande na área de concentração do Garantido, enquanto o boi já se apresentava.

Há sempre conflito entre os membros da Comissão de Artes e os *artistas de ponta*. É comum que os artistas queiram modificar partes dos projetos que recebem de “cima para baixo”, sempre com o propósito de aperfeiçoá-los e imprimir neles suas características. Nem sempre isso é possível, porque alegorias, indumentárias, roupas, cocares e adereços compõem o mosaico do grande espetáculo.

“As mudanças precisam ser *negociadas*. Não significa que os artistas estejam impedidos de criar, de imprimir sua marca pessoal na obra que realizam. Eles têm uma margem para fazer isso, só não podem é atropelar o planejamento da apresentação do boi”, explicou-me Fred Góes. Esse conflito decorre da não participação desses *artistas executores* nas discussões e decisões da Comissão de Artes.

Só um seletivo grupo de artistas, dirigentes e brincantes ilustres conhecem, com antecedência, os detalhes do espetáculo de cada uma das três noites de festival. Os *itens surpresas*, por exemplo, são guardados a sete chaves e mantidos distantes dos holofotes da imprensa. O artista deve fazer o que está planejado, porque sua alegoria faz parte de um conjunto artístico que precisa ser resolvido, com perfeição, no tempo estipulado pela competição.

Estabelece-se, a partir dos núcleos dos dois bumbás, uma hierarquia de trabalho e poder entre os grupos de artistas. Os *artistas de ponta* são os que conquistam a graduação mais alta, que é o reconhecimento das suas habilidades artísticas. Esses profissionais são disputados entre os bumbás e, nessa fase de preparação para a competição, poucos conseguem manter-se fiéis às suas *raízes bovinas* diante de vantagens financeiras oferecidas pelo *contrário*.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Eles têm, portanto, mais visibilidade no festival, porque estão vinculados diretamente à disputa, que, no final das contas, acaba ocorrendo no âmbito das habilidades dos artistas. Depois, seguem-se os grupos de desenhistas de punho e virtuais, soldadores, pintores, costureiro(a)s etc., que se distinguem por classificação (soldador A, soldador B, por exemplo), porém, sem a denominação de *artista de ponta*.

O presidente da Comissão de Artes é um cargo da confiança do presidente, mas a sua escolha passa, também, pelo viés político, afinal o espetáculo é atividade fim da agremiação e os impactos de suas decisões deságuam, positiva ou negativamente, nos barracões, nos ateliês e na arena do bumbódromo.

O coordenador é um consultor de primeira hora do presidente em decisões polêmicas da política geral do boi. Modificações da estrutura física do bumbódromo, da competência dos engenheiros, por exemplo, passam pelo crivo dele; do mesmo modo que as alterações no regulamento do festival, teoricamente apenas da alçada setor jurídico.

Os coordenadores dos núcleos de arte escolhem os que irão comandar a elaboração e a realização do espetáculo: primeiro, os membros dos próprios núcleos; depois, os *artistas de ponta* de cada segmento artístico e seus auxiliares. É possível afirmar que, em grande medida, essas escolhas são influenciadas pelas disputadas políticas internas pelo controle da agremiação.

Quem se envolveu na disputa eleitoral da agremiação sempre aguarda a convocação, embora a regra explícita seja a competência comprovada por vitórias e o amor ao boi. De outro lado, os artistas, conscientes que são da sua importância na produção do espetáculo, agem politicamente para conseguir o melhor contrato de trabalho. Esse jogo se espalha por todos os segmentos de profissionais.

Acompanhei as *angústias* de um *artista de ponta* que se sentia tentado a trocar de boi por uma proposta monetária mais vantajosa, porém desrespeitosa com os seus princípios de torcedor fiel. “O contrário perguntou por quanto de dinheiro eu trocava de boi. Respondi que iria por R\$ 200 mil, mas seus emissários foram embora e não retornaram mais”, disse-me ele.

As histórias de assédios a ele e a outros artistas circulam, com desenvoltura, nas reuniões informais de diretores e artistas dos bumbás. Eles têm, a meu ver, a função



de criar um clima favorável à valorização dos artistas. Dias mais tarde, o artista me contou o desfecho do assédio: “Cara, eles [os emissários do contrário] não retornaram mais; melhor para mim, porque eu não trocava de boi neste momento”.

Entendi que esse artista dificilmente trocava de boi, até porque, no *contrário*, os artistas com habilidades idênticas às dele eram vários, enquanto reinava sozinho onde já se encontrava. Seu objetivo, era, aos menos pelo que me pareceu, valorizar a sua mão de obra nesse mercado.

O responsável pela coesão dos artistas é o presidente dos núcleos de arte. Ele precisa demonstrar habilidade nos momentos mais difíceis possíveis, sejam eles causados por ciúmes e vaidades ou por falta de pagamento e definição dos contratos de trabalho. Testemunhei Fred Góes tentando convencer artistas a não trocarem de casa ou se explicando a respeito dos *porquês* da falta de dinheiro e, conseqüentemente, do pagamento de contratos e salários.

Uma tarefa difícil, porque os dois bumbás vivem uma prolongada crise financeira. Eles se mantêm dos repasses dos patrocinados mais robustos, como Ministério da Cultura, Correios, Nestlé, Governo do Amazonas e Coca-Cola, que só adiantam seus pagamentos a partir dos quatro meses que antecedem ao festival. Sem dinheiro no caixa, os bumbás atrasam seus compromissos financeiros por meses a fio.

Observei, em várias ocasiões, que os artistas de boi estimulam a disputa das suas habilidades pelos bumbás. Antes da definição dos *artistas de ponta* que entrarão nos barracões correm as especulações a respeito da composição elenco de cada bumbá. Esse é o momento do jogo da valorização da mão-de-obra do artista: o boi, necessariamente, precisa se assegurar, dez meses antes do festival, de que contará com uma *equipe de ponta* para atingir a meta de tornar-se campeão.

Instalou-se na *Cidade Garantido*, em 2010, a temeridade de que o bumbá poderia perder os seus melhores artistas para o *contrário*, que estaria disposto a enfraquecê-lo na arena em 2011. O vaivém de artistas entre os dois bois, por meio de motivação financeira, não é só pela realização do melhor espetáculo. As cifras reais e irrealis que entram nesse jogo alimentam, também, o jogo da economia e da política local.



Assim, é possível afirmar que os *modos de se fazer o boi* entre os artistas das duas agremiações não se diferem diametralmente. Isso se deve ao caráter do jogo, cujo desfecho é a vitória ou a derrota simbolizada no esforço coletivo das agremiações, o que as levam às experimentações cautelosas, uma vez que estão atreladas ao que determina o regulamento da disputa.

As estratégias e táticas para chegarem à meta da competição, que é a vitória, envolvem os artistas no fenômeno totalizante do jogo e da brincadeira do boi-bumbá, que também transborda para política, para economia, para a cultura, para a religião, para o imaginário, para a tradição, para as fofocas domésticas e mediáticas, etc.

LEMBRANÇAS EM VERDE E PRETO: DO MENINO TORCEDOR AO ARTISTA DO JAÚ

Carlos Maciel de Oliveira Filho

Não lembro exatamente a Data, ou era 1996 ou 1997. Foi o ano da lembrança mais linda e mais chata que eu tenho do Eco festival do Peixe-boi. Linda por me lembrar adentrando nossa Lagoa vestido de tucano (possivelmente indumentária da nossa Saudosa Fátima Santan¹), lembro de fogos explodindo no céu e eu balançando minhas assas de TNT (risos). Essa é a parte linda da lembrança. A chata é que logo após a apresentação minha mãe me levou para comer e eu, como uma criança de 4 anos, não queria tirar minha fantasia! Sentamos a uma mesa, minha mãe colocou meu capacete (cabeça de tucano) em cima da mesa e fomos escolher o churrasco: quando voltamos já tinham levado meu capacete, chorei tanto, estragou a minha noite (mais risos)!

Começo contando minha primeira memória, mas já havia vivenciado outros momentos na festa. Sou de uma família tradicional do município de Novo Airão, então minha árvore genealógica se entrelaça com várias famílias do município, e minha mãe faz questão que se mantenha a tradição, e que eu conhecer toda a família. A primeira

¹ Membro do grupo de fundadores do G.R.F.C Peixe-boi-jaú, responsável pela parte artista do peixe à época, ex presidente



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

costureira do Peixe-boi Jaú ²é prima do meu avô materno (Raimundo Alves Rodrigues), Dovalina Alves, conhecida carinhosamente como Dodô. Minha mãe pedia para ela fazer minhas fantasias com os retalhos que sobravam da batucada e todo ano ela fazia minha fantasia para eu entrar com meu tamborzinho de Plástico. Não me lembro pessoalmente desses episódios, mas minha mãe sempre ressalta quando há conversa sobre o festival.

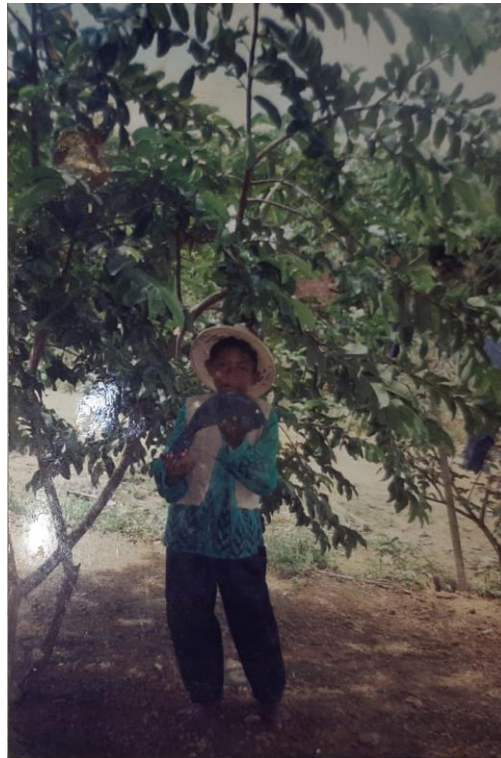


Figura 1. Meu primeiro ano oficial na batucada, representando o caboclo da Amazônia. Fonte: Arquivo pessoal.

Devido à “politicagem”, muitos anos das edições do festival não aconteceram, o que nos deixou órfãos da nossa grande festa. Em 2002, o então prefeito (*in memorian*), Luiz Carlos Areosa, retornou com o festival: lá estava eu vestido de branco, representando o boto homem, no meio da batucada... Que festival!

Meu tio Ercules Alves, na época, era o artista de Alegoria. Lembro da Lucsandra Passos, então Garota Encanto da Batucada, surgindo em cima de um boto que na parte de baixo tinha um rosto de homem. Era início de uma nova era do festival!

² Um das duas agremiações que concorrem no Eco Festival do Peixe-boi, Recebe o nome no em homenagem ao parque Nacional do Jaú, com as cores verde e preto é o maior detentor de títulos do Eco Festival.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Minha trajetória começava ali, já ciente do que eu queria. Minhas memórias mais fortes são de 2005: tivemos um festival fantástico, com o tema “Rio Negro, estrada que caminha vida”. Nosso barracão era dividido entre a casa dos Passos (casa da nossa atual presidente) e o SAEC (Santo Ângelo Esporte Clube) que fica localizado no bairro Eduardo Braga. Os ensaios da tribo³ aconteceram na rua, o tio Ercules era responsável por uma tribo, era bastante disputada e luxuosa, com passos marcados e inspirados na Amazônia.

Naquele ano, eu resolvi dançar, fiquei na tribo masculina, nosso ensaio era após o término da tribo do titio. Eu ficava deslumbrado com tudo que eu via no barracão, olhava tudo, perguntava de tudo (risos), ficava em êxtase com cada detalhe. Até hoje, quando sinto cheiro de tinta ou cola, eu me reporto a 2005, 2006 e 2007, anos que vivi dentro dos barracões de alegorias vendo meu tio trabalhar.



Figura 2. Lucsandra Passos, ex “Garota Encanto da Batucada”. Alegoria do Artista Ércules Alves, Jáú Show 2004, retomada do Ecofestival. Fonte: arquivo pessoal de Lucsandra Passos

Em 2010 recebi o convite do então apresentador e artista de fantasias, Aroldo Júnior, para fazer parte da Equipe de Criação e Artes. Naquele ano não vencemos o festival, mas eu aprendi muito, foi o primeiro ano que também trabalhei com fantasia:

³ Tribo concorreu até o festival de 2011, no peixe-boi jáú existiu por um período a separação por Gênero, Tribo Masculina, E Menina no seu último ano concorrendo a tribo já foi mesclada.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

fizemos “Batucada” (chapéu) e “Ala Temática” (que na época chegou a fazer três transformações na fantasia). Eu continuava na batucada, que foi o meu primeiro contato na festa, mas agora também exercia a função de artista e membro da equipe de Criação e artes.

2011 vivo um ano mágico. Fiquei responsável por toda a pesquisa do tema “Fauna e Flora preservada, Vida cabocla Castigada” e fomos campeões! Foi o segundo ano que eu optei por dançar, então, eu entrei no principal grupo de dança do Peixe-boi, que é a “Ala Temática”. À época fomos representando beija-flores, com um linda composição da canção-tema do Professor Douglas Coutinho: “[...] Voa, voa Beija-flor! Voam, voam Beija-flores! Voam, Voam em marcha-ré! Vamos repensar e ter fé [...]!”. Levamos o lindo sol nascendo atrás da cachoeira do Parque Nacional do Jaú e trouxemos o imponente “Deus Mauá” (outro item de julgamento!) Surgindo em cima de um Gavião-Real.



Figura 3. Jonatas da Silva, ex “Deus Mauá”, trazido pelo grande Gavião Real do Parque Nacional do Jaú. Indumentária: Aroldo Jr. Alegoria: Ércules Alves e Equipe. Jaú Show, 2011. Foto: arquivo pessoal.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

2012 não teve festival, fizemos apenas uma apresentação na quadra (“Lagoa dos Peixes”) por conta própria. Jaú e Anavilhanas se uniram e fizemos uma bela festa. Em 2013 eu já estava morando em Manaus, fazendo faculdade. Disse que iria ajudar, mas sem me envolver muito por causa dos estudos. Acabou que não resisti (risos)!

Particpei de todo o processo de construção do tema e, na quinta-feira do Festival, lá estava eu chegando em Novo Airão para o nosso tão esperado “Ensaio Geral”, Larguei tudo, inclusive a apresentação de antropologia na semana de pedagogia da UEA (risos)!

Nossas Alas temáticas ensaiavam escondidas, a portas fechadas, em um verdadeiro “segredo de Estado”!

É no dia do ensaio geral que todos os segredos coreográficos são revelados, afinal, as coreografias sempre arrancam bastantes gritos das galeras. Naquele ano não foi diferente, nossa Ala Temática veio vestida de índios da etnia Tarumã (uma parte) e morcegos (outra parte). Isso remonta nossa história, com base no livro de Victor Leonard (1999)⁴, em que o autor revela que um fato crucial e determinante na história do nosso município foi que o ataque dos morcegos a tribo tarumãs, fazendo que os índios mudassem a aldeia para o outro lado da margem do Rio Negro. Assim, quando Bartolomeu Barreira de Ataíde ⁵ aportou aqui, encontrou os índios Tarumãs onde hoje se localiza Airão Velho, a antiga “Santo Elias do Jaú”. Foi mágico, foi épico! Aí nasce uma das “Canções Tema” históricas e imortais do Peixe-boi Jaú, “Guardião do meu torrão”, do cantor e compositor Renier de Sousa. Canção linda, cujo refrão é de “bater no peito” e orgulha todo torcedor do Jaú, e até mesmo do contrário: já ouvi da boca de alguns torcedores do Anavilhanas que poderia ser considerada o “Hino de Novo Airão”.

⁴ LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios:** natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15/UNB, 1999.

⁵ Primeiro navegador que se tem registro navegando nas águas do Baixo Rio Negro, a mando do Governador do estado do Maranhão e Grão-Pará, Luiz Magalhães em 1945, Segundo Leonardi, 1999.



Figura 4. Ala Temática do Peixe-Boi Jaú, 2013. Índios Tatumás e morcegos. Fonte: *Fan Page Jaú Show*.

Outro ano mágico para mim foi 2014. Já na faculdade tento aproximar os textos do Jaú para um formato mais acadêmico. Foi quando ganhamos a parceria de ALDENORA Viana (Jhoe). Já vínhamos de uma parceria bem-sucedida e vitoriosa no Festival Folclórico, na “Ciranda Barões”, com os temas “É de Arrepiar” e “O Imaginário”.

Achei incrível nossa sintonia de escrever e pensar, os três roteiros feitos por nós eram escritos separadamente devido eu estar morando em Manaus e ela em Novo Airão. O único contato que tínhamos pessoalmente era na reunião com os membros da Equipe de Criação, trocávamos ideias, discutíamos e definíamos o que seria levado para o espetáculo. Então escrevíamos separadamente dois roteiros, eu o meu e ela o dela, depois uníamos os 2 roteiros para formar um só. Apesar de serem pensados por duas pessoas diferentes, quem olhava pensava que não era, pois seguiam a mesma linha de pensamento.

Exaltávamos o Parque, nossa fonte inesgotável de inspiração. Desenvolvemos o tema “Jaú, morada de encantos no coração da Amazônia”. Lembro muito bem, eu, Aroldo Júnior e Márcio Barreto estudando uma proposta de tema para levar na reunião.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Só sabíamos que queríamos falar do nosso Parque, tínhamos todo o esqueleto da apresentação, faltava a frase para defender a ideia central.

Lendo artigos na *internet*, achamos a frase “coração da Amazônia”, ficamos pensando em como usá-la, pensamos no encantamento de quem visita o Parque, de quem deslumbra toda a magnitude da natureza daquele lugar... Então, fechamos a frase Tema. Um momento muito marcante daquele ano foi uma frase do nosso apresentador, à época, Aroldo Júnior!

Só de lembrar, sinto arrepios! Ele foge do roteiro e é, pra mim, a maior sacada daquele ano, “olha a canoa da esperança do Seu Gilberto!”. Nesse momento, nossa Ala Temática - que era dividida entre onças pintadas e macacos-aranha, e tendo como destaque um caboclo, uma quilombola, um índio, uma sucuri, um gavião-real, um beija-flor – forma-se uma canoa com os personagens e, dentro da canoa, no ombro dos integrantes, está o caboclo a remar, o índio a flechar e a Quilombola com um paniero a mostrar seus frutos colhidos...

Foi lindo, não posso esquecer do Seu Gilberto. Seu Gilberto é morador de umas das comunidades que circundam o Parque. Ele que com seus “causos caboclos” nortearam nossa apresentação. Lembro que neste ano, ao vir de boto, a nossa “Deusa da Canção” (outro item do Festival) causou polêmica: um dos questionamentos que me fizeram foi “Boto canta?” e “o que tem a ver boto com a Deusa da Canção?” - amo essa parte, risos! No conto do Seu Gilberto, havia uma cidade encantada lá pelas paragens do Rio Jaú, essa cidade encantada se encontrava no fundo das águas do Rio Jaú (afluente do Rio Negro, rio que corta o Parque Nacional do Jaú): a lenda conta que uma bela mulher estava a cantar a beira do rio. Encantado pelo som, o homem foi atraído, chegando próximo da mulher, o homem cai na água e é levado para o fundo do rio. Quando o homem toma ciência, a mulher na verdade era um boto vermelho, ou boto-cor-de-rosa, como é mais popularmente conhecido. Essa foi uma das histórias contadas naquele festival.



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

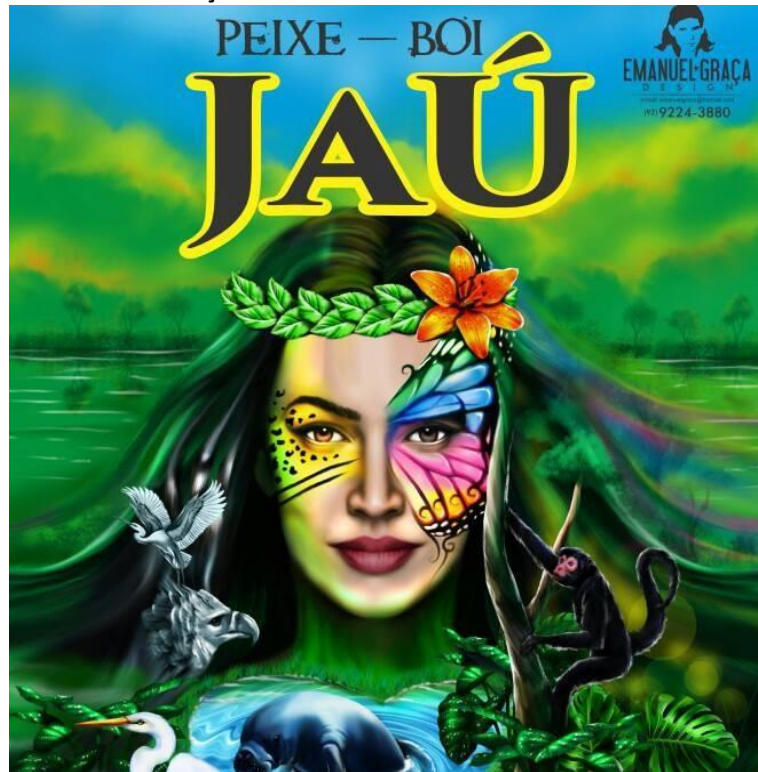


Figura 5. Arte do tema do peixe-boi Jaú 2014: "Jaú, morada dos encantos no coração da Amazônia". Créditos na imagem. Fonte: *Fan Page Jaú Show*.



Figura 6. Ex “Porta-Estandarte” Panmila Passos representando a “Rainha do Rio Jaú”.
Indumentária: Aroldo Júnior. Fonte: *Fan Page Jaú show*

Infelizmente, em 2015 e 2016 não tivemos festival, mas em 2017 fizemos o festival em 30 dias corridos (risos)! Neste ano, senti que fui mais ousado, lançando sozinho uma ideia tema. Fiz um “monte de slides”, aos moldes da faculdade (ou ao menos tentei!) com a apresentação, com começo, meio e fim: muitas fotos, até áudios, apresentei o tema e foi aprovado, ainda que não integralmente. A comissão incorporou mais ideias, trocou alguns pontos e então “Amazônia Oculta” nasceu.

Na verdade, a ideia nasceu na comunidade do Sobrado (berço da minha família). Algumas pessoas usam o sobrado para tentar me diminuir, não sabem eles que nem me abala! Tenho muito orgulho do lugar de origem da minha família, onde minha mãe nasceu junto da metade dos meus tios. O termo, que era para ser pejorativo, só me



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

engrandece. No meio artístico, como em qualquer outro, existem a inveja e as “más línguas”.

Pode ser que ninguém valorize, mas o maior artista airãoense é nascido na comunidade do Sobrado. O homem que mais projetou novo Airão - tanto pelo esporte que pratica quanto pela arte que faz – chama-se Raimundo Ercules Alves do Santos. O sangue dele corre nas minhas veias, foi na comunidade do Sobrado que seu dom artístico foi impulsionado, foi na comunidade do Sobrado que ele fez seus primeiros brinquedos de madeira monlogó (madeira leve, usada para fazer pequenas esculturas). Foi no quintal de seu Raimundo Alves, que ele usou as tampas de panela de Dona Etelvina para fazer uma bateria (instrumento musical). De tudo o menino tirava e fazia arte.



Figura 7. Mestre Ércules Alves, o maior artista airãoense da atualidade. Créditos: Arquivo pessoal do mestre Ércules.

Tudo começa no recesso da faculdade, entre janeiro e março daquele ano. Volto para a casa dos meus pais alguns dias e vamos para a comunidade do Sobrado.



Em uma das noites vou ver a malhadeira com meu pai - outra coisa que me deixa muito orgulhoso é ser filho de pescador, muito orgulho dele e da sua profissão! -, pegamos a canoa e saímos na escuridão da noite.

Ouvia alguns sons da floresta, mas o que mais reverberava era o assobio do meu pai. Eu deitado no porão da canoa olhando para o céu, contemplando as estrelas e a noite enluarada - eu particularmente amo esses detalhes, gosto muito de contemplar a beleza que para muitos passa despercebida! – daí me inspiro para o tema da “Amazônia Oculta”. É disto que basicamente falamos.

Chegando ao local exato onde “atamos” a malhadeira, meu pai para de assobiar e começo a ouvir sons, para ser mais exato, coaxos, canto típico dos anfíbios, ou melhor especificando, sapos. Era um “barulho” ensurdecido, quanto mais se aproximávamos da margem do rio, mais alto ficava o barulho.

No lugar exato do som, comecei a focar com a lanterna e procurar o dono do coaxar. Lembro-me bem que, após alguns minutos, acho o dono do coaxar, quase imperceptível, camuflado em um tronco de uma árvore, beirando a água: além de camuflado, era minúsculo quase a cabeça de um dedo mindinho, fiquei apaixonado pelo que vi!

Vieram várias ideias na cabeça, eu logo exclamei “Meu Deus, esse pequeno ser, com um som tão potente que se escutava de longe!”. Fui pra casa com um turbilhão de pensamentos, dormi, acordei, tomei café e fui na escola da comunidade, pedi para a responsável abrir pra mim, por favor, que queria usar os computadores para pesquisar algumas coisas na internet.

Meu pedido foi aceito e logo comecei a pesquisar sobre os sapos, vindo na cabeça a ideia de pesquisar qual a importância deles para o homem. Surgiram várias pesquisas, mas a que me chamou mais atenção foi o momento que ficou intitulado no tema como “o segredo do veneno”. Entrei no site que falava sobre um ritual da tribo Katukina, tribo essa que tirava uma secreção das costas de uma rã, a qual conhecemos como “Rã Kambô”. Eu fiquei apaixonado pela história, pesquisei muito, vi alguns vídeos no YouTube que relatavam como era retirada a secreção e como era aplicada pelo pajé nos enfermos da tribo. Agora já definido o que eu queria, que era mostrar uma



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Amazônia pouco conhecida, comecei a procurar coisas que tinham as mesmas características. Isso tudo para chegar na expressão “Amazônia Oculta”. Rabisquei muito papel, saíram os termos, “Amazônia, Reino Oculto”, “Uma viagem ao reino oculto”, “Amazônia desconhecida, e a própria “Amazônia Oculta”. Lembro que, na defesa do tema, escrevi o seguinte texto:

Quando se fala em Amazônia se associa logo a uma grande floresta, onde imperam gigantescas árvores que, segundo nossos irmãos indígenas, sustentam o céu, onde se encontra o maior e mais abundante rio de água doce do Planeta Terra. Nela habitam grandes animais como a onça, o pirarucu e o nosso querido peixe-boi. Não podemos esquecer aqueles pequenos seres que também fazem a maior diferença no ecossistema amazônico, eles fazem parte e estão por muitas vezes ocultos, nessa imensidão verde Amazônia que revela um variado leque de vida. Estes seres ocultos têm grande importância para a sobrevivência de nossa Amazônia.



Figura 8. Arte do tema do peixe-boi jaú 2017 "Amazônia Oculta". Créditos na imagem. Fonte: *Fan Page Jaú Show*.

Assim, os animais pesquisados e apresentados foram: abelhas, formigas, rã kambô, joaninha e o cardinal e acará-disco. Modéstia à parte, fiz uma ótima analogia - ou ao menos tentei - em dar sentido e incorporar nossa lenda do peixe-boi no Reino dos pequenos. O peixe-boi é um gigantes das águas, como encaixá-lo na apresentação? Por meio da “docilidade” do animal, que o torna frágil e pequeno como os outros animais que seriam apresentados. Insisti nesse argumento. Não gosto de apresentar, só apresento porque está no regulamento: gosto de casar com a temática defendida.



Na concepção original, a Ala Temática viria dividida em dois grupos: o primeiro grupo representaria as formigas, mas não quaisquer formigas, seriam as formigas de Airão Velho⁶. Esse momento era intitulado “A união faz a força”, um pouco clichê, mas achei que caiu com uma luva. O segundo grupo representaria a rã Kambô, que ficou intitulado como “o segredo do veneno”. A Equipe optou por tirar as formigas, deixando só a rã Kambô. Os sapos cantam para chamar um item individual, sendo escolhida a “Deusa da canção”. Esse momento também ficou, fiquei muito feliz, pois é um item que eu amo, acho a cara do nosso Festival, considero como fosse a nossa “Cunhã-Poranga”. Os outros itens que me desculpem, mas considero a nossa atual “Deusa da canção” o item mais carismático do nosso peixe-boi: quando ela adentra na nossa Lagoa, a arquibancada vai ao chão, a galera responde a cada movimento da mulher negra que nos representa.

Vamos para 2019. Como uma nova proposta já pensada em Novo Airão, acontecem grandes mudanças. Aauto Júnior, “menino prodígio”, ex-batuqueiro, filho da nossa ex-Mãe Natureza, Valcir Melo, e filho do maior apresentador do contrário, Aauto Silva, torna-se nosso apresentador oficial.

Menino cheio de ideias, chega para somar no Jaú como um todo: parte artística e musical. Aauto, logo de cara, coloca sua personalidade na apresentação do Jaú: muda completamente a maneira de fazer peixe-boi, como a forma de apresentar mensagem ecológica (outro item em julgamento), mas não faz sozinho, vem com seu amigo Adan, que também já é conhecido em outros festivais. Amo a frase “quem tem amigos nunca está sozinho”. E ele não vem só!

Aauto é a prova viva disso, ele puxou o Adan, o Adan puxou o Fábio (Benevides) e Robson (vulgo “Rosinha”) e o nosso comentarista oficial, Gabriel Mamed. Juntaram-se a essa turma Wangles, Iomar Cardoso, Adriano Martins, Aroldo Júnior, Profa. Lúcia Passos, Marquinhos, Marinho, Diego Duque, nosso time de itens e a surpresa do Ano, o grupo das “Samambaias”! Demos uma nova roupagem à

⁶ Conta a lenda que, depois de uma praga jogada na localidade, houve um grande ataque de formigas à cidade: um ataque tão voraz que fez que os moradores deixassem a localidade, instalando-se na Antiga Tawapessaçú, que também se chamou freguesia, e hoje é conhecida como Novo Airão.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

apresentação do Peixe-Boi Jaú para o festival. Tivemos um momento indígena, caboclo e negro - tudo em um enredo só! - o grito pela preparação do nosso bioma, do nosso lar, da nossa Mãe Terra, da nossa Amazônia. Foi um festival intenso, criativo, enriquecedor, exaustivo e com um grande aprendizado.



Figura 9. Grupo “Samambaias”, Grupo de Mídias Sociais e parte da Equipe de Criação e Artes. Da esquerda para a direita: Carlos Maciel Filho, Elizandra Pereira, Edenise Oliveira, Paloma Beatriz, Aldenora Viana, Jeniffer Maria, Adan Silva, Eule Catil e Flavia Melgueiro. Ausentes: Carla Bianca e Paula Mariane. Fonte: arquivo pessoal



Figura 10. Confraternização do Peixe-Boi Jaú 2019. Da esquerda para a direita: Carlos Maciel Filho (artista e vice-presidente), Adauto Júnior (apresentador oficial), Gabriel Mamed (comentarista oficial), Robson Duarte (diretor de arena), Adan Silva (roteirista e grande homenageado da noite) e Profa. Lúcia Passos (presidenta do Peixe-boi Jaú). Ausente: Fábio Benevides (diretor de arena). Fonte: arquivo pessoal.

Fui muito além das minhas funções de vice-presidente e artista de Fantasia, esse festival pra mim foi uma realização pessoal, eu nunca pensei que poderia contribuir tanto como eu contribuí: fiz fantasias, dei ideias, briguei, peguei puxões de orelhas, fui tripa do peixe-boi, encenei com a fauna e flora, interagi com a porta-estandarte, fiz cortejo para a deusa da canção, fui *Yrikwuá Maribá* para o Deus-Mawá, fui torcedor e fui criança, enfim, fui feliz.

Em dezembro de 2019 já saímos com várias ideias, como o projeto “Jaú o ano inteiro”. Em 2020 iríamos ter peixe-boi o ano inteiro, seria um sonho, pois nós somos apaixonados pelo nosso Festival.

Em geral, só curtimos 20 a 30 dias. Acreditem, já fizemos festival em 20 dias, se não me falha a memória, até em 15. Então, janeiro estava marcado para fazemos o primeiro “esquenta”, mas devido à agenda do nosso cantor oficial (ele também defende as cores preta e amarela no Festival do Peixe Ornamental de Barcelos) não aconteceu. Decidimos começar só em fevereiro em data discutida com a Equipe de Criação e



diretoria, a festa seria intitulada “CarnaJaú”, nosso primeiro grito de carnaval de Novo Airão.

A festa aconteceu, foi lindo, lindo ver nossa galera em peso, mesmo depois de três derrotas consecutivas! O povo nos abraçou e fizemos um show, com participação de Gabriel Mamed, cantando o melhor do boi-Bumbá de Parintins, *DJ Camarão*, batucada Show, bailado verde e preto, e a grande novidade da noite: teríamos uma despedida, uma metamorfose e um novo nome a surgir. A despedida foi da nossa eterna Garota Encanto da batucada, Lucsandra Passos, que defendeu o item e deu identidade a ele, a “metamorfose” foi de Panmila Passos, que na festa entregou à diretoria o pavilhão verde e preto e no final se apresentou como Nova Garota Encanto e anunciamos para março o concurso que escolheria o nome da nova Porta-estandarte do Peixe-boi jaú.

Mas, infelizmente veio a Covid-19 e nos deixou órfãos. Pegou todo mundo de surpresa, o mundo parou, os maiores eventos do mundo foram cancelados: Olimpíadas, Fórmula 1, campeonatos de futebol mundo afora foram cancelados, Festival de Parintins e até o Carnaval 2021 está ameaçado. Mas temos esperanças de dias melhores: tudo vai ficar bem e vamos voltar mais firmes e fortes, trazendo alegria para nossos torcedores e gerando renda para nosso município.

Faço essa viagem em minha memória pois acho necessário, para demarcar minha trajetória no Peixe-Boi Jaú. Faz-se necessário o registro de tudo que passei para chegar onde estou. Fui desacreditado, já ouvi isso de algumas pessoas, conhecidas e desconhecidas.

Teve um certo momento na minha vida em que eu decidi passar por todos os setores da construção de uma apresentação para sentir na pele o que cada setor passava, para entender melhor o processo, porque quando chegar na presidência - presidência sim, almejo e algum dia eu irei ser o representante maior da minha agremiação! - quero estar ciente de tudo o que acontece, de tudo que se passa para levar um peixe-boi para a Lagoa dos Peixes. E, ao logo dessa pequena viagem, entre batuqueiro, dançarino, “Severino”, torcedor e artista de fantasia, eu me encontrei dentro das artes, encontrei minha zona de conforto, encontrei quem eu sou, eu sou artista de fantasia. “E podem tirar o menino da arte, mas nunca tirarão a arte do menino que sou.”



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



Figura 11. Confeção da indumentária da batucada do Ecofestival do peixe-boi 2017. Artista: Carlos Maciel filho. Fonte: acervo pessoal.



Figura 12. Confeção da indumentária da Garota Encanto da Batucada em parceria com o artista Aroldo Júnior no Ecofestival do Peixe-Boi 2019. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 13. Indumentária da ex-Porta-estandarte Panmila Passos. Fantasia: Reisado Sergipano. Artistas: Aroldo Júnior, Carlos Maciel Filho e Wangles Monteiro. Fonte: arquivo pessoal.

Considerações finais

As falas apresentadas evidenciam encontros de subjetividades e objetividades. São falas de apaixonados e envolvidos com Garantido e Caprichoso, as quais relatam a importância das festas para os sujeitos e nos deixam com a sensação de sonhos realizados e vidas vividas em plenitude. Em tons azuis, vermelhos e brancos, a marca do amor, da esperança e de uma vida feliz por meio das festas. Celebremos!



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

A expectativa é que a aposta na proposta autoetnográfica mobilize outros trabalhos nesta tônica, de ouvir os sujeitos sociais em seu próprio estilo de contar, ser e existir, ficando-se tal aposta como sugestão para novos estudos.

Referências

BLANCO, Mercedes et al. Académicas mexicanas frente a la pandemia. Miradas desde la autoetnografia. **Revista Amazônica**, v. XII, n. 1, jan-jun. 2021, p. 380-408.

Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/8329>. Acesso em: 10 dez. 2020.

HUZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2008 (Col. Estudos).

MUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá: a espetacularização do imaginário amazônico**. Manaus: Valer 2014.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas: Boi-bumbá, Ciranda e Sairé**. Valer: Manaus, 2008.

SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, v. 7, n. 2, 2017, p. 83-93. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/137980/139694>. Acesso em: 01 ago. 2020

Artistas entrevistados e citados: Fred Góes, Júnior de Souza, Telo Pinto e Sérgio Fernandes “Gudu”.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 10/12/2020.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



UFAM

Autores:

Wilson Nogueira - Jornalista, escritor, Doutor em Processos Socioculturais na Amazônia pelo PPGSCA/UFAM.

E-mail: wilsonsouzanogueira@gmail.com.

Carlos Maciel de Oliveira Filho - Pedagogo, artista de fantasia, Membro da Equipe de Criação e Arte do Peixe-Boi Jaú e Vice Presidente do G.R.F.C Peixe-boi Jaú.

E-mail: macielfilho.cm@gmail.com.

Adan Renê Pereira da Silva - Doutor em Educação pela Universidade Federal do Amazonas e apaixonado pelas festas populares amazônicas.

E-mail: adansilva.1@hotmail.com.